



CAPÍTULO 5

VIOLÊNCIA SEXUAL E O DESENVOLVIMENTO DE SOFRIMENTO MENTAL EM ADOLESCENTES ESCOLARES

Álvaro Sepúlveda Carvalho Rocha¹
Vitória Fortes Coutinho Chaves¹
Luciana Karine de Abreu Oliveira¹
Olga Maria Castro de Sousa¹
Rosa Jordana Carvalho¹
Luana Ruth Braga Campos¹
Jefferson Abraão Caetano Lira¹
Márcia Astrês Fernandes¹

¹Universidade Federal do Piauí.

Palavras-chave: Violência Sexual; Saúde Mental; Saúde Escolar.



INTRODUÇÃO

A Violência Sexual (VS) é o meio utilizado por um agressor para tentar ou consumir atitudes sexuais com suas vítimas por meios coercitivos. Pode ocorrer com ou sem penetração, pelo uso de objetos, por meio de ameaças ou chantagens. Esse tipo de violência se estabelece, geralmente, a partir de uma relação de poder que o abusador exerce sobre a vítima, não sendo necessário que exista algum vínculo entre eles (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2017).

Sabe-se que a VS ocupa o segundo lugar entre os tipos de violência que acometem indivíduos na faixa etária de 10 a 14 anos no Brasil, ficando atrás apenas da violência física. Tal fato demonstra, mais uma vez, que essas taxas são preocupantes, uma vez que não apenas a vítima é prejudicada, mas toda a sociedade é impactada por esse fenômeno (FONTES *et al.*, 2017). No Brasil, estima-se uma prevalência de 67,7% desse agravo em adolescentes do sexo feminino e de 32,3% no sexo masculino. Com relação à faixa etária mais acometida, destaca-se a de 12 a 17 anos (BASTOS *et al.*, 2021; BRASIL, 2020).

A VS classifica-se em intrafamiliar e extrafamiliar. A intrafamiliar ocorre quando o agressor pertence à própria família, como pais, avós, tios ou primos. Já a extrafamiliar ocorre quando é praticada por outra pessoa responsável, conhecida ou desconhecida, que tenha acesso ou exerça algum tipo de poder em relação ao adolescente (SILVA NEVES *et al.*, 2010). Em 73% dos casos, esse crime ocorre na casa do suspeito ou da vítima e, em 40% dos casos, é geralmente praticado pelo pai ou padrasto. Além disso, constatou-se que o perfil do abusador é, em sua maioria, do sexo masculino, na faixa etária entre 25 e 40 anos (BRASIL, 2020).

A VS em adolescentes traz prejuízos em diversas esferas da vida, como emocional, cognitiva, comportamental e social. Sentimentos de culpa, agressividade, isolamento, automutilação, alterações no sono e na concentração, além da perda de interesse por hobbies, são sinais recorrentes encontrados nessa população (SERAFFIM *et al.*, 2011).

Percebe-se, assim, que a VS desencadeia um sofrimento mental exacerbado em suas vítimas. Esse sofrimento é caracterizado por ser um estágio intermediário entre o bem-estar e o conforto mental e um transtorno mental propriamente dito. Dessa forma, é descrito como um mal-estar que causa desânimo, preocupação, ansiedade e angústia (GUSMÃO *et al.*, 2018).

Pesquisa realizada com escolares do 9º ano do ensino fundamental que foram vítimas de VS evidenciou que esses adolescentes apresentam pesadelos recorrentes, relatam ter menos amigos e sentimentos de solidão, baixa autoestima e ocorrência de bullying. Esses achados reforçam que a VS vai muito além de uma transgressão física, produzindo impactos emocionais extremamente incapacitantes, que afetam diversos setores da vida pessoal, social e escolar (FONTES *et al.*, 2017).

As consequências relacionadas ao abuso sexual podem variar desde depressão, transtornos alimentares, transtornos de ansiedade, transtorno de personalidade Borderline e transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Esses agravos estão relacionados a sintomas comportamentais como medo exagerado de adultos ou de pessoas específicas, baixa autoestima, isolamento social, irritabilidade, ideação suicida, tristeza e comportamento sexual avançado para a idade, entre outros aspectos associados. Além disso, existem agravamentos pós-traumáticos e consequências físicas aparentes, como infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez e lesões geniturinárias (MARGOTTI & LIMA, 2020).

Diante do exposto, elencou-se a seguinte questão de pesquisa: quais as consequências da violência sexual no desenvolvimento do sofrimento mental em adolescentes escolares?



Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a presença de sofrimento mental em adolescentes escolares vítimas de abuso sexual.

MÉTODO

O estudo possui abordagem qualitativa e foi realizado em escolas sob a gerência da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), localizadas no município de Teresina-PI. A rede escolar estadual é composta por 154 escolas, distribuídas em quatro Gerências Regionais do município (Norte, Sul, Nordeste e Sudeste), com 51.319 alunos matriculados e 15.882 professores efetivos.

Os participantes foram adolescentes com idade entre 18 e 19 anos, matriculados nas instituições pesquisadas, cursando o ensino fundamental e médio. A participação foi permitida mediante assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos aqueles que possuíam déficit intelectual que impossibilitasse a compreensão dos instrumentos. Essa informação foi levantada junto às coordenações pedagógicas das escolas no momento da coleta dos dados.

Os pesquisadores receberam treinamentos com vistas ao seu desenvolvimento no campo da pesquisa científica, visando ao aperfeiçoamento de seus conhecimentos sobre a temática, por meio de buscas bibliográficas em bases de dados, além de capacitação sobre os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Os dados foram coletados pela equipe de pesquisa por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, abordando a caracterização sociodemográfica e econômica, as condições de saúde autorreferidas e as condições de violência autorreferidas.

A pesquisa faz parte do macroprojeto intitulado “Abuso sexual e as interfaces com a saúde mental de adolescentes escolares: pesquisa-ação em educação e saúde”, que conta com autorização da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sob o número do Parecer 4.343.397. Ademais, encontra-se cadastrada na Coordenação de Pesquisa e Inovação da PROPESQI, sob o registro de número CCS-159/2020. O estudo foi realizado em conformidade com todas as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na caracterização sociodemográfica e ocupacional dos participantes, evidenciou-se maior predominância da faixa etária de 14 a 18 anos, com maiores índices de adolescentes do sexo feminino, solteiros, residentes com os pais e/ou familiares e sem filhos. Com relação à renda familiar, observou-se uma média entre um e dez salários-mínimos, sendo que poucos participantes possuíam emprego ou atividade remunerada.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra e realizada uma seleção específica dos depoimentos que atendiam ao objetivo principal da pesquisa, relacionados ao sofrimento mental desses jovens. A partir dessa análise, deu-se seguimento ao tema proposto no presente estudo, sendo destacados, a seguir, os principais relatos:

Participante 01: “Eu evito retribuir, finjo que não estou vendo. Mas, de certa forma, me deixa desconfortável, sim.”



Participante 02: “Eu já fui assediada, então já fui vítima de assédio verbal. Não, eu acho que já cheguei a acostumar, até porque são mais aqueles assovios, cantadas sem graça.”

Participante 03: “Eu me perdi na escola e fiquei mais atenta nessa vida. Eu só fui desviando os caminhos, não queria mais saber de nada. Não queria mais estudar.”

Percebe-se, pelas falas dos participantes, que eles reconhecem o sofrimento que estavam vivenciando e buscavam estratégias de fuga dentro de sua realidade, o que, significativamente, prejudica o desenvolvimento e as relações, uma vez que esse afastamento do meio social tende a se prolongar. Com o advento da pandemia do novo coronavírus, percebe-se que essa realidade sofreu um impacto ainda mais significativo.

De acordo com o apresentado, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que os registros de violência sexual aumentam a cada ano, revelando dados alarmantes, conforme divulgado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública – Edição 2020, o qual informa que, em 2019, houve 66.123 registros de violência sexual. Do total das vítimas, 85,7% eram do sexo feminino e 57,9% tinham, no máximo, 13 anos (CUSTÓDIO & CABRAL, 2019).

Concomitantemente aos dados apresentados antes da pandemia, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública – Edição 2022 apresenta os dados referentes ao ano de 2021, mostrando que as vítimas com até 13 anos representaram um total de 35.735 casos no último ano. Ressalta-se que, independentemente do consentimento real ou presumido da vítima, qualquer forma de prática sexual com menor de 14 (catorze) anos é considerada fato criminoso, conforme estabelecido pela Constituição brasileira. Na faixa etária de zero a 17 anos (crianças e adolescentes), foram contabilizadas pelo menos 45.076 vítimas de estupro em 2021, sendo observado que a taxa aumentou 2,3 de 2020 para 2021, passando de 94,6 para 96,87. Destaca-se, ainda, que esses números não contemplam os casos de subnotificação, os quais podem indicar uma realidade ainda mais alarmante (BRASIL, 2022).

Uma das consequências do abuso sexual é a mudança de comportamento do jovem, que, em algumas situações, pode evoluir para o sofrimento mental ou mesmo para um transtorno mental, conforme pode ser percebido nos depoimentos a seguir:

Participante 03: Simplesmente, depois que tudo isso aconteceu, virou uma bola de neve e eu comecei a me afastar das pessoas, ficar mais no canto da sala, sozinha. Às vezes, as pessoas me chamavam para sair e curtir, e eu dizia que não estava a fim, que queria ficar em casa. Elas perguntavam o que eu tinha, diziam que eu estava muito para baixo, mas eu não queria falar.

Participante 03: Não queria me interessar. Nessa outra escola em que eu estudava, eu sofri muito com racismo e bullying. Os meninos de lá eram todos assediadores também, ficavam olhando para a gente de um jeito estranho, nas nossas partes íntimas, pegando em tudo. E aí, quando eu passei por isso, lá eu ficava isolada também, ficava a maior parte do tempo sozinha, sem ninguém para conversar.

Participante 03: Todo mundo que chegava perto de mim, eu me isolava. Tinha vezes, até em casa, que eu dizia para minha mãe que eu não queria ir para a escola por conta disso. Aí, depois desse dia, foi só desandando, minhas notas foram baixando, baixando mesmo. Eu estava tirando até zero já e eu não estava nem aí para nada, eu estava só curtindo a vida e, para mim, aquilo estava uma beleza. Aí todo mundo me dizia que eu iria reprovar, e eu dizia que não estava nem aí.



Participante 04: Senti vontade de me isolar. Eu passei, assim, anos no meu cantinho. Só que, assim, não deixei ninguém perceber. Eu ficava por horas no meu quarto só com isso na cabeça. Mas aí eu consegui me recuperar mais. Às vezes, não sinto vontade de fazer nada. Me afetou socialmente. Em rodas de amigos homens, eu prefiro me afastar mais.

Participante 03: “Eu ficava isolada porque eu não queria que ninguém visse e se preocupasse.”

Participante 03: “Aí eu ficava com trauma por conta de tudo que eu já vivi, e os meninos achavam que eu estava brincando, que eu estava me isolando para chamar atenção.”

O isolamento apresentado nos relatos acima demonstra um impacto significativo, evidenciando que situações de abuso vivenciadas por esses indivíduos fazem com que, diante de qualquer gatilho, busquem o afastamento social. A escola, por ser um ambiente frequentemente ocupado por crianças e adolescentes, pode se tornar tanto um local de refúgio quanto um espaço de repetição simbólica das experiências vividas, ainda que não ocorram da mesma forma.

Diversos estudos apontam que a vivência de abuso físico e/ou sexual está associada ao aumento das possibilidades de desenvolvimento de doenças mentais graves, especialmente quando ocorre na infância. Esses agravos estão relacionados tanto a diagnósticos quanto a sintomas psiquiátricos, como depressão, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de estresse pós-traumático, comportamento suicida e uso de substâncias psicoativas (ALEXANDRA *et al.*, 2017).

Um estudo realizado nos Estados Unidos demonstra que a ocorrência de violência sexual na fase escolar está associada a mudanças precoces no comportamento sexual de crianças e adolescentes, aspecto que deve ser cuidadosamente observado. O estudo aponta que meninas vítimas de violência sexual tendem a ser mais sexualmente ativas quando comparadas àquelas que não passaram pelo trauma, além de apresentarem maiores possibilidades de contrair IST. Com relação aos meninos, observa-se maior probabilidade de apresentarem comportamentos homossexuais. Ademais, o estudo evidencia a presença de sintomas depressivos e ansiosos, uso de álcool e tabaco, maiores escores para depressão, uso de drogas lícitas ou ilícitas, bem como maior consumo de maconha, tabaco, sedativos e hipnóticos, quando comparados aos que não sofreram violência sexual (SILVA *et al.*, 2020).

Em quaisquer situações de abuso e/ou violência sexual, deve-se compreender esse fenômeno como uma grave violação à vida dessas pessoas, independentemente da orientação sexual. Embora existam diferenças que ainda necessitam ser mais aprofundadas pela literatura, já há evidências em estudos pontuais indicando que a população LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo e assexual) apresenta maior prevalência no desenvolvimento de problemas mentais e físicos em decorrência da violência sexual quando comparada à população heterossexual. Entretanto, ainda são escassos os estudos que aprofundem os possíveis desfechos relacionados a essa questão (MOREIRA *et al.*, 2022).

O comprometimento na vida da vítima atinge proporções em outros contextos, a exemplo do desempenho escolar, que, não raramente, encontra-se prejudicado, conforme observado nos depoimentos anteriores, os quais evidenciam insatisfação pessoal e isolamento desses jovens no ambiente escolar. Esses aspectos também são apresentados nos depoimentos a seguir:



Participante 03: Quando chegou o final do ano, eu fiquei, praticamente, em todas as matérias. Todas mesmo. E aí eu não queria fazer absolutamente nada. Até minha mãe me perguntou se eu iria querer fazer prova final e recuperação, e eu disse que não iria fazer. Aí ela perguntou se eu iria reprovar, e eu disse que iria.

Participante 05: Só quando ele saiu de perto eu consegui contar para os meus pais. Quando eu tinha 11 anos, eu reprovei no 6º ano. E aí, quando eu estava conversando com a psicóloga, ela falou que isso afetou tanto que eu tinha reprovado por causa disso.

Estudos recentes apontam as consequências relacionadas ao desempenho escolar de crianças e jovens vítimas de abuso sexual, repercutindo em suas habilidades cognitivas, relacionadas ao meio de interação, às vivências pessoais e ao modelo familiar. Nesse sentido, é consensual que a vivência da violência sexual apresenta impacto significativo no desenvolvimento cognitivo e intelectual, resultando em baixo rendimento ou diminuição progressiva do desempenho escolar, dificuldades de atenção e/ou concentração, déficits de linguagem e de aprendizagem, desmotivação para as tarefas escolares e desmotivação generalizada. Além disso, a frequência escolar pode ser reduzida e, em alguns casos, ocorrer o abandono da escola (AMORIM *et al.*, 2021).

Outros impactos, como a personalidade e a forma de interagir com as pessoas, também podem ser significativamente alterados, resultando em mudanças no modo de se relacionar socialmente, conforme observado no relato a seguir:

Participante 05: Tudo na minha vida afetou. Depois que isso aconteceu, tudo mudou, porque eu era uma pessoa que se dava bem com todo mundo. Era carinhosa, extrovertida. Hoje em dia, eu não consigo ser carinhosa com todo mundo, porque a gente percebe que nem todo mundo está ali com a intenção de só ficar bem com a pessoa.

Algumas marcas de mudança no comportamento tornam-se evidentes, além de estarem associadas a possíveis transtornos decorrentes do sofrimento mental vivenciado, conforme demonstrado no relato apresentado. A literatura aponta que um dos transtornos possíveis decorrentes da vivência do abuso é o transtorno de personalidade Borderline, no qual a personalidade pode ser marcada por variações na autoimagem, nas relações interpessoais e por possíveis episódios psicóticos. Em casos mais graves, podem ocorrer comportamentos de autolesão e tentativas de suicídio, que nem sempre estão diretamente relacionados ao desejo de morrer, mas à tentativa de se livrar da dor ou de fugir da situação vivenciada (CRUZ *et al.*, 2021).

A vítima, por si só, tende a buscar o isolamento por medo, vergonha e por diversas outras sensações que pode estar vivenciando e que não consegue expressar diante dos acontecimentos, sejam eles passados ou atuais. Ressalta-se que a rede de apoio social é extremamente importante para a superação desse trauma, conforme mencionado no depoimento a seguir:

Participante 06: Uma pessoa que entenda o seu problema apoia você em todas as coisas. Muitas pessoas desacreditavam de mim só porque eu tenho problema psicológico e diziam que eu não iria conseguir. Com uma pessoa que apoia e entende, fica muito melhor de conviver.

O apoio social configura-se como uma ferramenta fundamental no acolhimento às vítimas de violência sexual, conforme evidenciado em um estudo realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com a Estratégia Saúde da Família. Os resultados apontaram a importância do sistema de apoio e da identificação realizada pelos Agentes



Comunitários de Saúde (ACS), os quais integraram mulheres em atividades que promoviam geração de renda e/ou emprego, garantindo suporte social. Além disso, essa rede de contato e apoio possibilita o acesso aos serviços policial, judiciário, psicossocial e de saúde, bem como a aproximação com organizações não governamentais, lideranças religiosas e comunitárias, favorecendo caminhos para o enfrentamento da realidade vivenciada por essas mulheres (PEREIRA-GOMES *et al.*, 2015).

Outra percepção relevante refere-se ao acolhimento oferecido pelos profissionais dos serviços de saúde. As equipes devem estar preparadas e capacitadas para amparar qualquer vítima, especialmente quando se trata de crianças e adolescentes em sofrimento mental. A equipe de enfermagem, que na maioria das situações realiza o primeiro contato no atendimento, necessita de capacitação para essa atuação, podendo contribuir significativamente nas estratégias de ação, na realização de denúncias contra os agressores, na construção de um sistema de confiança e apoio às vítimas e, possivelmente, no encorajamento de outras pessoas que tenham vivenciado situações semelhantes (JESUS *et al.*, 2019).

Ainda nesse contexto, a literatura destaca que o profissional enfermeiro é apto a atuar de forma qualificada no atendimento às vítimas de violência sexual, sendo responsável por realizar escuta qualificada, administrar cuidados técnicos, ouvir as queixas e prestar cuidado integral e humanizado, respeitando o tempo, a individualidade e a autonomia de cada pessoa, bem como oferecendo apoio emocional e respeitando a tomada de decisão (CASTRO *et al.*, 2022).

Além da atuação das equipes e das instituições de saúde, é fundamental a presença das redes de apoio informais. Essas redes desempenham papel essencial no auxílio às pessoas em sofrimento mental, que, em muitos casos, não compartilham suas vivências com os profissionais de saúde. Estudos sobre violência doméstica indicam que as mulheres buscam diferentes estratégias para superar situações traumáticas, com o objetivo de romper com o ciclo de violência e buscar superação. Assim, o acesso aos serviços especializados nem sempre ocorre de forma imediata, sendo mais comum que o primeiro apoio seja buscado junto a amigos e familiares de confiança. Esses achados são confirmados por estatísticas da Inglaterra e do País de Gales, no ano de 2016, que indicam que apenas 43% das mulheres procuraram ajuda profissional (PONTES *et al.*, 2021).

Muitas vezes, a violência torna-se mais perceptível quando envolve contato físico ou agressões corporais. No entanto, é fundamental considerar que a violência sexual não se restringe ao contato físico, uma vez que falas, assédios, palavras sexualizadas e até mesmo a forma e o tom de voz podem caracterizar situações de violência. Nesse contexto, a escola configura-se como um importante elo para a minimização desses impactos, embora, muitas vezes, essas situações passem despercebidas ou sejam ignoradas, sem deixar de afetar aqueles que as vivenciam, conforme evidenciado nos depoimentos a seguir:

Participante 07: Já sofri violência psicológica, já falaram coisas que eu não gostei, me atacaram, comentários desnecessários que me afetaram e ficaram na minha cabeça, tipo bullying. É uma pessoa abusar da outra, fazer coisas sem ela querer, ou quando ela não está consciente.

Participante 08: “Psicológica é quando usam uma fragilidade sua para te pressionar. Já sofri violência verbal e psicológica.”

De acordo com o Instituto Maria da Penha, a violência psicológica define-se como “qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações,



comportamentos, crenças e decisões”. Percebe-se que, nos depoimentos coletados, as vítimas passaram por situações que as levaram a desconforto e constrangimento, afetando seu desenvolvimento no ambiente em que estão inseridas.

Essa violência, tanto verbal quanto psicológica, configura-se de forma camuflada, muitas vezes sendo percebida como bullying ou até mesmo como uma “brincadeira”. Pode ocorrer no ambiente escolar e nas relações intrafamiliares de forma sutil, provocando sofrimento nas vítimas e repercutindo em alterações comportamentais. Esses impactos podem gerar problemas cognitivos, comportamentos depressivos, distúrbios de ansiedade e diversas outras alterações na vida da pessoa, principalmente quando se trata de crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento (QUEIROZ & CUNHA, 2018).

Os reflexos do abuso na infância promovem dificuldades significativas na adolescência; conseqüentemente, a violência sexual vivenciada na adolescência acarreta uma série de implicações para a fase adulta. Dessa forma, a formação de adultos pode tornar-se estruturalmente prejudicada, uma vez que os traumas decorrentes da situação de abuso permanecem marcados na vida da criança e/ou do adolescente, influenciando diretamente sua construção no meio social.

Um importante destaque desta pesquisa foi a busca pelas redes de apoio, que se configuram, para as vítimas, como formas de acolhimento e proteção, evidenciando a relevância da presença de familiares e amigos no enfrentamento dessas situações. Destaca-se, ainda, a atuação dos Agentes Comunitários de Saúde na atenção domiciliar durante suas visitas e ações no território. Ressalta-se, sobretudo, a participação da equipe de enfermagem, que, na maioria dos casos, constitui o primeiro contato das vítimas com as Unidades de Saúde, atribuindo grande importância à figura do enfermeiro no acolhimento e na atenção a essas pessoas, com o objetivo de minimizar o sofrimento mental vivenciado e possibilitar estratégias de enfrentamento da realidade apresentada.

Assim, não foram identificados riscos na realização da coleta de dados nem em nenhuma fase da pesquisa. Quanto às dificuldades, observam-se diversas lacunas, entre elas, a prevalência do sexo feminino na amostra, o que pode ser justificado pelo fato das mulheres serem as principais vítimas de violência e, em sua maioria, demonstrarem maior abertura para dialogar sobre o tema. Em contrapartida, os homens tendem a não dar seguimento a esse tipo de relato e, em alguns casos, mesmo tendo vivenciado situações de violência ou abuso, não chegam a relatar. Outro aspecto relevante refere-se à falta de informação dos pais e/ou familiares sobre a abordagem do tema, visto que, ao se tratar de crianças menores de idade, é necessária autorização, e, muitas vezes, a temática não é aceita, seja pela não concordância com a proposta ou pela não percepção da importância da busca por essas informações.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi possível perceber que as implicações da violência sexual no desenvolvimento do sofrimento mental em adolescentes escolares estão diretamente associadas a transtornos mentais, uso de substâncias psicoativas, frustrações, dificuldades sociais, emocionais, cognitivas e comportamentais, além de sentimento de culpa, agressividade, isolamento, automutilação, alterações no sono e na concentração, perda de interesse por hobbies, transtornos alimentares, entre outros. Tais impactos comprometem as relações interpessoais e o desenvolvimento estrutural da vida desses indivíduos, demonstrando que, conforme evidenciado nos relatos e na literatura, os danos decorrentes da violência sexual



podem ter repercussões graves no contexto geral da pessoa vitimada, afetando significativamente sua inserção social.

Observa-se, ainda, a necessidade de maiores investimentos em educação escolar, bem como de melhorias nas políticas públicas de saúde e nas políticas institucionais das escolas, as quais demandam reformulações e adequações conforme as especificidades de cada contexto. Destacam-se ações como visitas domiciliares, reconhecimento precoce de sinais de violência por professores, adequação de aplicativos e mídias digitais que possibilitem aos jovens solicitar ajuda de forma anônima, entre outras estratégias. Todas essas iniciativas visam contribuir para que a violência e o abuso sexual deixem de ser uma realidade recorrente, reduzindo seus impactos e mitigando o sofrimento mental. Espera-se, ainda, que este estudo contribua para a ampliação do debate sobre um tema de grande relevância social, que demanda a implementação de ações preventivas e educativas eficazes.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALEXANDRA, L.; JESSE, B.; CATHY, J. Physical and/or Sexual Abuse Is Associated with Increased Psychological and Emotional Distress Among Transgender Women. *LGBT Health*, [New Rochelle], v. 4, n. 4, p. 268–274, ago., 2017. DOI: <http://doi.org/10.1089/lgbt.2016.0186>.
2. AMORIM, A. F. *et al.* Desempenho intelectual e crenças disfuncionais em crianças vítimas de abuso sexual. *Revista Psicopedagogia*, v. 38, n. 116, São Paulo, maio/ago. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20210024>.
3. BASTOS, K. R. P. *et al.* Características dos adolescentes ofensores sexuais e de suas vítimas: um estudo de processos judiciais. *Saúde e Sociedade [online]*, v. 30, n. 1, e181112, 2021. DOI: <http://doi.org/10.1590/S0104-12902021181112>.
4. BRASIL. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. As violências contra crianças e adolescentes no Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/12-anuario-2022-as-violencias-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso em: 17 de julho de 2022.
5. BRASIL. Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes. 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 17 de junho de 2020.
6. CASTRO, M. A. M. *et al.* Assistência de enfermagem as vítimas de violência sexual. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 2, e38011225817, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25817>.
7. CUSTÓDIO, A. V.; CABRAL, J. O impacto das medidas de isolamento social em Tempos de pandemias: uma análise dos indicadores de Abuso sexual contra crianças e adolescentes. *Revista Jurídica (FURB)*, v. 25, n. 57, e9945, maio/ago. 2021.
8. CRUZ, M. A. *et al.* Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, v. 26, n. 4, 19 Abr., 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019>.
9. FONTES, L. F. C.; CONCEIÇÃO, O. C.; MACHADO, S. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*, v. 22, n. 9, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11042017>.
10. GUSMÃO, R. O. M. *et al.* A violência e seus imbricamentos com o campo da saúde mental: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Saúde e Pesquisa*, v. 11, n. 3, p. 603-612, 2018.
11. JESUS, S. S. *et al.* Acolhimento de enfermagem às pessoas vítimas de violência sexual. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, v. 1, n. 4, 2019.
12. MARGOTTI, E.; LIMA, L. H. R. Depressão em crianças e adolescentes vítimas de violência sexual na região Norte. *Brazilina Journal of Health Review*, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 11264-11276, jul./aug, 2020. DOI:10.34119/bjhrv3n4-373.
13. MOREIRA, W. C. *et al.* Análise dos casos de violência sexual de adolescentes escolares. *Revista Enfermeria Global*, n. 67, Julho, 2022. DOI: <https://doi.org/10.6018/eglobal.491001>.
14. NGOC, D. *et al.* Perception and Attitude about Child Sexual Abuse among Vietnamese School-Age Children. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basel, v. 16, n. 20, p. 3973, out. 2019. DOI: <http://doi.org/10.3390/ijerph16203973>.
15. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Novo estudo da OPAS descobre importantes lacunas nas medidas para prevenir a violência contra crianças e adolescentes. OPAS, 2020. Disponível



em: <https://www.paho.org/pt/noticias/23-11-2020-novo-estudo-da-opas-descobre-importantes-lacunas-nas-medidas-para-prevenir>. Acesso em: 03 jan. 2022.

16. PEREIRA-GOMES, N. *et al.* Apoio social à mulher em situação de violência conjugal. *Revista de Saúde Pública*, v. 17, n. 6, p. 823-835, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15446/rsap.v17n6.36022>.
17. PONTES, L. B. *et al.* Redes de apoio à mulher em situação de violência durante a pandemia de Covid-19. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 13, n. 3 Campo Grande jul./set., 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v13i3.1413>.
18. SERAFIM, A. P. *et al.* Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)* [online], v. 38, n. 4, p. 143-147, 2011.
19. SILVA N., A. *et al.* Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. *Temas em Psicologia*, v. 18, n. 1, p. 99-111, 2010.
20. SILVA, F. C. *et al.* Os impactos da violência sexual vivida na infância e adolescência em universitários. *Revista de Saúde Pública*, v. 54, São Paulo, 2020 Epub 30-nov-2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002576>.
21. QUEIROZ, R. A.; CUNHA, T. A. R. A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. *Revista NUPEM, Campo Mourão*, v. 10, n. 20, p. 86-95, maio/ago., 2018.